

A arte brasileira que a Europa vai ver

Uma exposição de vinte artistas plásticos vai representar o País em seis capitais europeias — e os paulistanos podem vê-la até domingo

A mostra itinerante "A Cor e o Desenho do Brasil", que se inaugura hoje às 20 horas no Museu de Arte Moderna-MAM, no Parque do Ibirapuera, e termina domingo, é o resultado de um trabalho de longo prazo e fruto da aplicação de algumas normas e princípios que, segundo seus organizadores, "deveriam presidir a todas as manifestações culturais em nosso País".

A mostra (três horas de cada um de vinte artistas) é o piloto que será exposto em seis capitais europeias, Paris, Londres, Roma, Haia, Madrid e Lisboa, durante o próximo ano e parte de 88. Ela incluirá dez pintores (a cor) e dez desenhistas (o desenho), escolhidos após demorado estudo por uma comissão de conhecedores críticos de arte e artistas, e abrangendo a publicação de um catálogo, uma "gizette" (um catálogo suíço), cartazes, um vídeo, um áudio, uma trilha sonora, a exibição do logotipo da mostra (criado por Mauro Ivañ) e do logotipo (estado de Ricardo van Steen) da entidade que realizou o projeto, o Centro Brasileiro de Projetos de Arte.

A ideia de organizar uma mostra-gênero seria da arte brasileira no exterior ocorreu à Radha Abramo, crítica de arte de uma das universidades na Europa, onde viveu até o início deste ano em Londres e Paris, e ela notou que grande parte das exposições de arte brasileira em outros países não obedeciam a critérios coerentes ou a uma política cultural, sendo fruto de iniciativas de alguns próprios artistas ou do acaso e do clientelismo político. Assim, a ideia formada no Primeiro Mundo sobre a arte brasileira não é apenas caótica, como errática e incompleta, o que é agravado por boa parte das escolhas feitas por artistas brasileiros em mostras internacionais, escandalosas, prevalece o critério da similitude com a arte cosmopolita e não com o que se faz aqui, diz Radha Abramo.

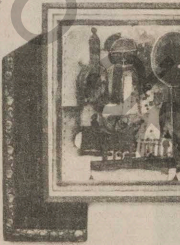
Ela preparou então um projeto e o levou ao embaixador Alberto da Costa e Silva, diretor do Departamento de Difusão Cultural do Itamaraty, que o considerou válido e o deu apoio. A Petrobrás deu o apoio material para viabilizar as viagens, o trabalho e para a confecção do cartaz, de um jornal, etc. Várias outras empresas, particulares, e entidades, como a Fundação Itamaraty, os cursos Diários de Arte, a Mikson, etc., deram seu apoio. Outras iniciativas a cargo do Centro Brasileiro de Projetos de Arte-CPBA se seguirão. O CPBA obteve o apoio da Aapp-As-

sociação Profissional de Artistas Plásticos de São Paulo, presidida pelo conhecido pintor Aldir Mendes de Souza.

Os artistas escolhidos para esta primeira mostra itinerante de arte brasileira são Aldemir Martins, Alex Flemming, Amar de Castro, Cângelo Lanelli, Carlos Prado, Evandro Carlos Jardim, Fátima Ostrover, Gláucio Pincio Moraes, Guimarães, Isabel de Jesus, Israel Pedrosa, Ivaí Grano José Zaragoza, Lothar Charoux, Marcelo Grassmann, Maria de Leontina, Miguel dos Santos, Siron Franco, Ubirajara Ribeiro e Wilma Martins.

Eles foram escolhidos em fins do ano passado por uma comissão de críticos de arte e artistas composta por Radha Abramo, Fábio Magalhães, Jacob Klintowitz, Cildo de Oliveira, Ilza Leal Ferreira e Sophia Tassinari.

De acordo com o projeto, executado "quase cem por cento", segundo Lucia Piv, coordenadora, e Sophia Tassinari, ambas da diretoria do CPBA, os artistas foram escolhidos como amostragem do emprego da arte, por sentimento, e em função do uso do desenho (a racionalidade) em qualquer outra preocupação. Esses vinte artistas apresentam um amplo espectro de estilos e técnicas no Brasil. E os artistas vêm do Brasil inteiro e não apenas do eixo Rio-São Paulo.



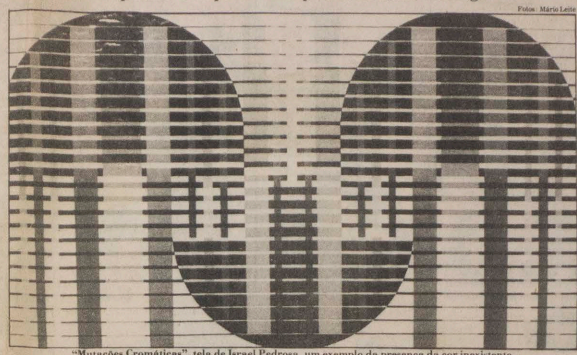
"RO-ZY", aquarela sobre papel do pintor Ubirajara Ribeiro

O patrono da mostra a ser inaugurada hoje é o crítico Paulo Mendes de Almeida, que dedicou sua vida à análise e à historiografia dos artistas brasileiros. O convite que lhe foi feito é "uma homenagem a aqueles que sempre defenderam a cultura brasileira".

A exposição fica apenas seis dias no MAM, após entendimentos do CPBA com Aparício Bastião da Silva, presidente do Museu, e José Zaragoza, da diretoria. A encarregada da mostra no MAM é Ilza Leal Ferreira, que com Jacob Klintowitz redigiu as apresentações dos artistas, no catálogo.

"Um grande número de profissionais, que seria longo enumerar, participou voluntariamente do trabalho", diz Roberto Pereira Leite, secretário do CPBA. Os organizadores dessa mostra itinerante vêem nisso o triunfo de uma ideia básica, que é a de mostrar o que somos e o que fazemos realmente, a um público europeu habituado ao exotismo artificial e viciado nos protótipos preestabelecidos.

E também, segundo assinala Amelia Botelho de Souza Aranha, presidente do CPBA, uma amostragem feita "por críticos e artistas", "sem sectarismos", como nota o embaixador Alberto da Costa e Silva na apresentação que consta do catálogo, e "sem nepotismos ou favoritismos", como sublinha Fernando Silva, do CPBA. J.P.



"Mutações Cromáticas", tela de Israel Pedrosa, um exemplo da presença da cor inexistente

Ficam de fora nomes representativos

Alguém poderá observar, visitando a mostra "A Cor e o Desenho do Brasil", a ausência de nomes representativos da arte contemporânea brasileira, de Volpi a Rubem Valentim, passando por Tomy Uliaski, Mira Schendel etc. Afinal, que critérios determinaram a escolha dos vinte artistas plásticos que estarão, a partir do próximo mês, representando o Brasil em Paris, Roma, Madrid, Londres, Lisboa e Haia? Não fosse a pergunta até certo ponto impertinente, por encerrar em seu conteúdo a necessidade de "outro critério" (também subjetivo, por se tratar de uma seleção de linguagens), responderia a comissão de seleção que novas mostras itinerantes serão providas, a partir desta "A Cor e o Desenho do Brasil".

Até menos é o que pretende o projeto itinerante idealizado pela crítica Radha Abramo e copiado, há alguns meses, sem menor constrangimento, por uma determinada associação paulista ligada a museus, que aproveitando-se da ideia original, enviou as mesmas capitais europeias obras de outros artistas (de Volpi, inclusive).

Uma coisa é certa: todos os sessenta trabalhos selecionados têm a marca da diversidade. A começar por Lothar Charoux, cuja trajetória inclui rápido namoro com o expressionismo e um comentário sério com o concretismo, duas décadas atrás, Charoux comparece com três composições de absoluta rigidez geométrica, ao lado de Arcângelo Lanelli, um construtivista por vocação e pertencente à mesma geração, aquela que nos anos 30 demonstrava nitida influência dos cubistas e expressionistas e descobriu, posteriormente, seus próprios caminhos, enveredando pelo abstracionismo. Israel Pedrosa, que pertence igualmente a essa geração, radicalizou sua procura e criou o que, até hoje, muitos críticos custam a ver, ou seja, a "cor inexistente" que aparece em seus quadros, "em zonas desprovidas de qualquer pigmento".

Se a preocupação de Pedrosa é a cor, no caso de Amílcar de Castro a forma é fundamental em suas obras. A liberdade de traço caracteriza um trabalho de indiscutível rigor estético, o que não se aplica às telas de Ivaí Grano, onde o alagatório e a certa predominância. Em Grano há sempre uma correspondência comopolítica com os movimentos de vanguarda internacional, flutuando entre o neo-expressionismo (um rótulo sem precisão terminológica) e a transvanguardia (idem). Ou, se preferirmos outro rótulo, o "discontinuo gestual".

Da chamada novíssima geração comparece Alex Flemming, com telas gigantescas em que reproduz, por meio da serigrafia fotográfica, detalhes anatómicos em composições quase abstratas. Através de outros meios, Maria Ceila Pacheco Moraes, que começou a pintar em 1968, transformando máquinas (sua fixação temática é a ferrovia) em grandes painéis semi-abstratos.

Mas, ao lado de sofisticados criadores, foram incluídos trabalhos ingênuos de Isabel de Jesus, as personagens místicas afro-brasileiras de Miguel dos Santos, um tríptico figurativo explosivamente colorido de Siron Franco, os protagonistas do cotidiano nordestino retratados por Aldemir Martins e as delicadíssimas aquarelas de Fátima Ostrover. Todos os dias serão projetados vídeos (às 15h30 e às 17h30) sobre a obra desses e dos restantes artistas, A.G.F.

mesa Sugestão da libertária San Marino

SÍLVIO LANCELOTTI Do trabalho de arte da Folha

São 1.740 anos antes de puríssima democracia. Na única entrada do país — sin que, que a República de San Marino, o único país do mundo que possui um acesso ao mar — um discido orgulhoso saudá com impropriedade a chegada dos visitantes. "Esta é a antiga terra da Liberdade".

Verdade, sem qualquer demagogia. Fundada por um escultor cristão e seus companheiros de fé, todos perseguidos pelos soldados do imperador Diocleciano, San Marino nasceu no Nordeste da Itália, nas redondezas de Rimini e Ravena, bem na crista de um monte espetacular, o Titano, que sobe abruptamente da planície e brota através de rochas escarpadas, com seus quarenta e poucos metros de altitude. O escultor, de nome Marino, posteriormente santificado, logo esculpiu sua montanha em tamanho menor, e do cume do monte Titano, E San Marino passou a acolher, já nos seus começos, os refugiados da Itália do ocidente.

O sistema de governo foi sempre a democracia participativa. Documentos seculares demonstram que desde 1244, por exemplo, comandada a República pelos dois capitães-regentes com seus meses de mandato. Não existem eleições, e cada dois anos entregam o poder a seus sucessores, eleitos por um Parlamento de sessenta membros. Sem rixas, sem tentativas de golpe de Estado.

A cerimônia de troca de guarda é comovedora, magistral. Depois de descompostos, os capitães que sairão sentam-se numa espécie de palanque, quem diria, na praça da Liberdade, ao ar livre, num dos picos da República. Prometeis sobre os seus elevadíssimas torres do lugar, a Guaita, a Cesta e o Montale. É a população tem o direito de não serem criticar criticar a administração que se foi. Todas as eventuais denúncias são investigadas; os culpados, punidos.

San Marino não possui um Exército. Não precisa. Inclusive porque o acesso aos seus picos é praticamente impossível. Nem a mureta de Napoleão conseguiu tomar San Marino a sua gente. Polícia? Alguns guardas de trânsito e um punhado de voluntários são os únicos que misto são formal de ordenar a vida na região. Uma missão, repetirei, formal. Em San Marino praticamente não se cometem crimes. Há meros furtos, praticados por estrangeiros. O único homicídio, passional, a vingança de uma tração matrimonial, ocorreu em 1972.

São apenas três quilômetros quadrados de superfície, 22 mil habitantes que vivem de minuciosas mas prodigiosas fazendas encarpadas nas encostas do Titano. Ou que vivem da formidável produção de sedos e moedas de suas requintadas, por sua beleza, por sua qualidade, pelos colecionadores de todo o planeta. Ou que vivem da turisimo. São neste verão, San Marino recebeu mais de 3,5 milhões de visitantes em busca de seus souvenirs e da visio inesquecível que o vermelho e o topo das três torres: o mar Adriático, toda a costa dálmatina, o vale do Rubicão, mil verdes diferentes durante o dia e o azul do céu noturno. São os filmes de Federico Fellini — filho de Rimini, um nativo daquelas plagas inguláveis.

Passou quase uma semana de minha viagem recente em San Marino. E posso assegurar que, além do banho de liberdade, além das paisagens maravilhosas, há destruído a companhia do conde Giuseppe Lanterno di Montelupo, cônsul honorário da República aqui em São Paulo, cartões-pós de nível internacional.

Mu destaque: o restaurante La Taverna dei Righi.

Muito apropriadamente, o Righi é trunfo à estória da Liberdade, ao lado do Domus Magna Communis, a sede do governo republicano. Para uma pra aberta aos cidadãos. Por uma pre

longada reunião poucas horas antes do primeiro concerto da temporada, afirma que todos concordaram em "emprender um novo começo".

O escultor paraguaio Augusto San Bastos, o cineasta argentino Fernando Fernán-Gómez e o escritor irlandês Ian Gibson estão entre as 5.353 pessoas às quais foram concedidas a nacionalidade espanhola.

O pintor sueco Hilding Linqvist, mestre do realismo, morreu ontem, aos 93 anos de idade, em sua casa em Estocolmo. Diversas obras suas estão em museus da Escandinávia, Alemanha Ocidental, França e Estados Unidos.

"Oha Oba 84" é o nome do espetáculo que será apresentado próximo dia 11 no teatro Sistina, em Roma, com um letrado de música e dança popular brasileira. Abre o show a cantora Eliana Estevão e serão interpretadas músicas de Chico, Milton e Caetano.

Stranapolaprete dei Righi

Ingredientes, para seis pessoas: 600 gramas de farinha de trigo, 4 gemas de ovos, alguns ramos de espinafre. Água fresca. Sal.

Modo de fazer: Cozinhe o espinafre em água apenas suficiente para cobrir sua folhas. Passo tudo numa peneira bem fina. Faça um vultico com a farinha. Incorpore os ovos e espinafre. Adicione o sal e a água do cozimento do espinafre já peneirada. Amalgame bem a massa. Deixe a deslepar cerca de meio dia. Então, abra a massa, delicadamente, de modo que fique com uns três milímetros de espessura. Com uma boa faca, corte a massa em cordões finos de uns quinze centímetros de comprimento e uns três de largura. Ultra cuidadosamente, enrola cada cordão de maneira a dar-lhe o desenho de uma corda — de propósito, irregular. Afinal, o nome da pasta significa, em castelhano, "qualquer coisa que se combina com a stranapolaprete. Mu amigo Piervanni Righi o dono, no entanto preparou-me um sugo bem grosso de tomates, carne de vitela e lingua caesiríssima de porco. Detalhe: a massa tem de ser cozida em água levemente salgada, em ebulição, e por somente quatro ou cinco minutos.

Na sexta-feira laiares dos restaurantes de Carrara, Florencia, Torino e Milão, os que faltam para completar meu périplo peninsular.



Obras de Odrizola, Jesus Fuertes, Agustín Iriban e Pedro Tort na mostra "Hispanidade 84"

A cultura espanhola está na cidade

NEIDE MARTINS Do nosso equipe de reportagem

A inauguração de uma exposição de 38 quadros e 9 esculturas de artistas hispanistas abriu ontem, às 20 horas, no Banco Exterior de Espanha, a "Hispanidade 84", evento que comemora a descoberta da América e que se estenderá até o dia 21 deste mês com uma série de atividades culturais e sociais. Estiveram presentes o embaixador espanhol Miguel de Aldasoro, o cônsul espanhol no Brasil: José Riera Siquier, professor de Arte da Faculdade Ibero-Americana da USP e representantes da Câmara de Comércio Espanhola no Brasil.

nismos e entidades espanholas em São Paulo, e coordenado por Carlos M. García. Lembrando o espírito de solidariedade da rainha espanhola Isabel, a Católica, que norteou a descoberta da América, o diretor do Colégio Mijang de Cervantes, Lúcio Miguel Serrano alertou que "Hispanidade 84 será uma grande festa de solidariedade entre espanhóis, brasileiros e latio-americanos".

De ampla programação de Hispanidade 84, merece destaque a mostra de pintura barroca espanhola, que fica aberta ao público de hoje a 9 de outubro na Faculdade Ibero-Americana, e o ciclo de cinema espanhol que será exibido no Masp—Museu de Arte de São Paulo, de 6 a 9 de outubro, com 3 filmes no total, sendo duas obras de Carlos Saura ("Ma-

máte faz 100 Anos" e "Cria Cuervos") e duas de Luis Bunuel ("Tristana" e "Estranho Caminho de Santiago").

A programação musical tem início amanhã no Centro Cultural São Paulo, com "Canto a 5 Mares". A partir de amanhã, no Masp, dia 11 às 21 horas, por doze pianistas. E termina com um concerto de piano a cargo da prof. Maria Cecilia Pacheco Schnetzler, dia 17 na Faculdade Ibero-Americana.

Professores do departamento de Língua Espanhola da USP falaram sobre temas que abrangem desde a aquisição espanhola até a identificação do espírito de hispanidade. Todos as conferências serão proferidas na Faculdade Ibero-Americana, a partir de amanhã a até o dia 10.

Dropes

Na última sexta-feira a juiza da 14ª Vara Federal do Rio de Janeiro, Tânia de Melo Bastos Heine, comunicou ao Concine—Conselho Nacional de Cinema a revogação das limitações que garantiam à empresas exibidoras o não recolhimento de importâncias devidas pela exibição de filmes de curta metragem.

O pianista soviético Vladimir Horowitz, que em Sergei Rajmaninov elogiou pessoalmente pela interpretação de seus concertos, completou em 90 anos de idade em Nova York, onde vive desde 1928.

▲ A prefeitura do Rio de Janeiro afinal liberou as obras do festival "Rock Rio" e os trabalhos reconhecem hoje, em ritmo que permita a recuperação dos dias de atraso.

Em via de solução a disputa iniciada há quatro anos entre o maestro Herbert von Karajan e a Orquestra Filarmônica de Berlim (Oriente da qual é diretor titular, uma declaração conjunta, após pro-

Audiovisual na Folha Hungria, um país sem publicidade

Os habitantes de Budapeste estão bastante ocidentalizados há há roqueiros e praticantes da dança aeróbica. Mas nos pequenos povoados húngaros se mantém as danças folclóricas seculares. Quinze jovens da capital têm muito orgulho da cultura milenar do país. Foi o que se pôde ver no audiovisual "Hungria: dos Ursais ao Danúbio", exibido sexta-feira na Folha.

O documentário, de autoria do fotógrafo Peter Milko, busca o fio de húngaros, com coprodução de Roberto Falstori, mostrou ainda cenas da indústria e da agricultura da Hungria. A diferença marcante entre Budapeste e uma capital ocidental é que lá não se vêem cartazes de publicidade.

Neste Natal, não seja original.

Muitos presentes são bonitinhos, mas nada práticos. Já pensou, por exemplo, em ganhar um ornamento de Bauducco?

E por essas e por outras que o melhor presente para seus clientes e funcionários acaba sendo justamente aquele que eles lá esperam receber.

Os produtos Bauducco: Panetone, Chocottone e Cestas de Natal.



Bauducco

Rua Estreita, 919
CIVILIDADE 513-1100
181 - FAX: 208-0122
08x2 - 0111 3828 BB-DR